

FERNANDA RADOMILLE GONÇALVES

RA 027099



1290003197



FE

TCC/UNICAMP G598a

319616008

***A AVALIAÇÃO INFORMAL E O PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM***

PEDAGOGIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

UNICAMP

2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

***A AVALIAÇÃO INFORMAL E O PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
UNICAMP, como Exigência para Graduação
em Pedagogia sob orientação do Prof. Dr.
Luiz Carlos de Freitas.

PEDAGOGIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
UNICAMP
2006

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	
V:	EX:
TOMBO:	3197
PROC:	145107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	28/03/07
Nº CPD:	145107

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G596a Gonçalves, Fernanda Radomille
A avaliação informal e o processo de ensino - aprendizagem / Fernanda Radomille Gonçalves. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Luiz Carlos de Freitas.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Avaliação educacional. 2. Ensino - Aprendizagem. 3. Professores e alunos. 4. Relações educativas. I. Freitas, Luiz Carlos de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-783-BFE

Dedico este trabalho à minha mãe que é uma educadora além de sonhadora. Sempre procurou mostrar a mim e as minhas irmãs que a educação, apesar de não resolver sozinha os grandes problemas do país, principalmente a injustiça social, constitui-se em um dos caminhos mais relevantes.

Agradecimentos:

Ao Professor Luiz Carlos de Freitas, que me embasou e orientou na construção desse trabalho;

Aos meus pais, que sempre valorizaram minhas realizações ajudando-me a construir a crença em minha própria capacidade;

Às minhas irmãs por toda ajuda e incentivo que me deram;

Às amigas da faculdade, as quais espero não me afastar ao final do curso e manter sempre uma relação de carinho;

À escola onde desenvolvi a pesquisa, à professora da sala e aos alunos, que possibilitaram a realização desse estudo.

Com a mão no coração
Fechou os olhos
E sentiu-se descoberta
Antes, tímida, perdeu o medo.
Aprendeu a colocar seus sentimentos
Encontrou o seu valor,
E aumentou a sua visão de mundo.
Não tendo preconceitos,
Aceitou as diferenças,
Escutou, viu, percebeu o outro.
E descobriu que,
Fazendo parte deste quebra-cabeça,
É uma peça importante
Que contribui, participa.
E caminha com o objetivo comum
De transformar,
E saber que para isto,
É preciso sonhar.

Poema de Vanda Farias
Educadora Popular.

RESUMO

Constituíram objetivo central desta pesquisa conhecer, compreender e analisar os mecanismos de avaliação que ocorrem em uma sala de aula, relacionados ao processo de ensino aprendizagem, enfatizando principalmente a existência de dois tipos de avaliação: avaliação formal (práticas utilizadas para oficializar uma avaliação usando a nota) e a avaliação informal (“juízos de valor” que o professor constrói sobre o aluno, pertencentes a um plano assistemático e invisível) e as possíveis relações entre uma e outra. Este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa de natureza observacional, tendo por objeto de estudo a sala de aula, mais especificamente a eficácia do processo de ensino aprendizagem e o resultado final da avaliação formal em relação à avaliação informal que permeia todo esse processo. Os dados apresentados nesta pesquisa foram coletados através da observação com a utilização de uma pauta estruturada, elaborada por STUARDO (2004), que permitiu observar na prática docente como o professor organiza o seu trabalho pedagógico diário, levando em conta a heterogeneidade dos alunos em relação ao seu tempo de aprendizagem e nível em que cada um se encontra. As observações foram realizadas em aulas inteiras (do início ao fim) num total de 8 dias alternados o que permitiu verificar variadas situações de avaliação informal (inclusive a relacionada ao nível sócio econômico do aluno) e a maneira positiva ou negativa como o professor se utiliza dessas no encaminhamento do seu trabalho pedagógico diário.

Palavras-chave: avaliação formal, avaliação informal, relação professor-aluno, processo de ensino- aprendizagem.

SUMÁRIO

- 1. Introdução (7)**
- 2. Metodologia (18)**
- 3. Apresentação dos dados e análise (23)**
- 4. Considerações finais (33)**
- 5. Referências bibliográficas (35)**
- 6. Anexos (38)**

1 - Introdução

Partindo da concepção de que avaliar é uma das atividades mais corrente da vida cotidiana de todo ser humano, constituindo-se num componente fundamental do processo de desenvolvimento humano, direcionei meu trabalho para estudar o processo de avaliação dentro de uma instituição escolar, no ensino fundamental, englobando todo o processo de ensino-aprendizagem.

Nesta pesquisa foram analisadas questões referentes à avaliação formal, entendida como técnicas e procedimentos mensuráveis que conduzem a uma nota, mas, principalmente, à avaliação informal que, de acordo com FREITAS (2002), são “juízos de valor” que o professor constrói sobre o aluno, sendo estes “juízos” pertencentes a um plano assistemático e invisível, porém com grande influência na avaliação formal do aluno.

Realizei a pesquisa em uma classe de 2ª série de uma Escola Municipal de Campinas situada num bairro de nível sócio-econômico bastante baixo, sendo este mais um elemento significativo para a análise das influências que permeiam a avaliação informal.

Direcionei minhas observações para a constatação das diferentes manifestações de avaliação informal existentes em uma sala de aula e como o professor organiza o seu trabalho pedagógico diário levando em conta a heterogeneidade dos alunos em relação ao seu tempo de aprendizagem e nível em que cada um se encontra.

Isso me remeteu ao seguinte questionamento:

Considerando-se a maneira como o professor organiza a produção de conhecimento e organiza o ensino-aprendizagem, quais as possíveis influências da avaliação informal sobre a avaliação final do processo de ensino-aprendizagem?

Dentro deste questionamento surgiram outras indagações tais como: a condição sócio-econômica do aluno interfere na avaliação informal do professor?

Apesar da existência sistemática da avaliação formal dentro do processo de ensino-aprendizagem, as avaliações finais podem ser marcadas pelos juízos construídos informalmente no dia-a-dia da sala de aula, através da interação entre professor e aluno?

Segundo a teoria, as estratégias de trabalho do professor ficam permeadas por tais juízos e determinam, consciente e inconscientemente, o investimento que ele fará neste ou naquele aluno. Premido pelas condições de trabalho, tais juízos podem levar o professor a “investir” mais naqueles alunos que demonstram maior possibilidade de obter sucesso em sua aprendizagem.

Outros questionamentos ainda podem ser feitos: o professor leva em conta a capacidade de aprendizagem de todos os seus alunos, embora elas apareçam de formas distintas entre eles? Todos os alunos confiam na sua possibilidade de aprender? Demonstram estar motivados para a aprendizagem? Como é organizado o trabalho relacionado aos conhecimentos específicos? Predomina a produção, a

interação, a contextualização? Ou a simples transmissão? Que aspectos parecem ser relevantes na avaliação informal do professor? Exemplos: comportamento, organização do caderno, ritmo de trabalho, cumprimento dos deveres de casa, nível de atenção, etc.

É a partir dessas indagações que se desencadeou este trabalho de conclusão de curso, intitulado como “*A avaliação informal e o processo de ensino-aprendizagem*” e que tem o seguinte objetivo geral:

- explorar os mecanismos de avaliação que ocorrem em uma sala de aula

E por objetivos específicos:

- compreender esses mecanismos de avaliação segundo sua natureza (formal / informal);
- conhecer o sistema de avaliação formal da Escola através do seu Regimento e seu Projeto Político Pedagógico, além das estratégias avaliativas utilizadas pela professora;
- observar quais os tipos de avaliação informal que ocorrem;
- constatar se tais situações de avaliação informal atuam de forma positiva ou negativa no processo de ensino-aprendizagem e no resultado final;

- observar se a condição sócio-econômica do aluno é fator significativo para a avaliação informal do professor.

Na medida em que as diferentes situações de avaliação informal que permeiam as relações professor – aluno no cotidiano escolar forem explicitadas e socializadas entre os profissionais da escola, aumentará a possibilidade de que a organização do trabalho pedagógico seja de maior qualidade, de maneira que o processo de ensino não seja “contaminado” de forma negativa por esses julgamentos prévios que podem prejudicar a construção, por parte do aluno, da sua auto-imagem e conseqüentemente a sua aprendizagem.

A escola é uma construção histórica, não apareceu do nada. Foi construída com uma determinada “forma” ao longo de um processo histórico que vai conformando seus tempos e os usos de seus espaços. O espaço mais famoso da escola é a sala de aula e o tempo mais conhecido é o da seriação das atividades e dos anos escolares.

De acordo com FREITAS (2002), a escola não é um local ingênuo sob um sistema social qualquer. Dela espera-se que cumpra uma determinada função. Tem-se dito que a função da escola em nossa sociedade é prover o ensino de qualidade para todos os estudantes, indistintamente, ou seja, independentemente do nível socioeconômico destes. Por esta tese, seria possível que a desigualdade social fosse compensada no interior da escola, pelos recursos pedagógicos de que esta dispõe. Embora seja impossível que isto ocorra em sua plenitude, é um objetivo que a escola persegue quando possui compromisso social.

O nível socioeconômico do aluno é uma poderosa variável explicativa do seu rendimento – ou seja, os estudantes aprendem de forma diferenciada na dependência de seu nível socioeconômico. Os dados do SAEB, Sistema de Avaliação do Ensino Básico do MEC, mostram à exaustão esta realidade. A tarefa de prover equidade aos alunos que estão na escola é algo essencial, mas é claro que não se pode transferir o problema da aprendizagem para a adequação ou não dos “recursos pedagógicos da escola”, ocultando a diversidade de “nível socioeconômico dos alunos” gerada no âmbito de uma sociedade injusta. Nível sócio-econômico é apenas outro nome para as desigualdades sociais.

O papel da escola segundo FREITAS (2002) é o de ensinar com qualidade todos os seus alunos – sabedora de que não está isolada e de que acontecimentos e a forma como a sociedade está organizada ao redor dela afetam o cumprimento desse papel. A responsabilidade da escola na garantia da aprendizagem do aluno é claramente estabelecida, apesar dos efeitos do nível socioeconômico.

Mas como foi instituída a avaliação dentro da atual forma que a escola tem? Para responder a essa questão, temos de perguntar antes: Como se instituiu a atual forma da escola? Para compreendermos isso e também apreendermos o papel que a avaliação passou a ter na escola, é fundamental entendermos o processo histórico de distanciamento da escola em relação à vida, em relação à prática social. Esse afastamento foi ditado por uma necessidade ligada à formação social capitalista, a qual, para apoiar o desenvolvimento das forças produtivas, necessitou de uma escola que preparasse rapidamente, e em série, recursos humanos para alimentar a produção de forma hierarquizada e fragmentada – e isso só era possível de ser feito

de forma escolarizada. As necessidades de preparação de mão-de-obra do capitalismo forçaram o aparecimento da instituição escola na forma atual. (FREITAS, 2002).

A necessidade de introduzir mecanismos artificiais de avaliação (prova, testes etc.) foi promovida pelo fato de a vida ter ficado do lado de fora da escola. Com isso, ficaram lá também os “motivadores naturais” para a aprendizagem, obrigando a escola a lançar mão de “motivadores artificiais” – foi desenvolvido um sistema de avaliação com notas como forma de estimular a aprendizagem e de controlar o comportamento de contingentes cada vez maiores de crianças que acudiam à escola e tinham de ficar dentro delas, imobilizadas, ouvindo o professor. O isolamento e o artificialismo da escola levaram a uma avaliação igualmente artificial.

De acordo com FREITAS (2002), o aluno é cada vez mais conformado a ver a aprendizagem como algo que só tem valor a partir da nota (ou aprovação social), que lhe é externa, e a troca pela nota assume o lugar da importância do próprio conhecimento como construção pessoal e poder de interferência no mundo. O processo de avaliação adquire centralidade na escola porque faz parte da gênese do aparecimento da forma escolar - separada da vida.

Ainda segundo FREITAS, (2002) dentro do processo de avaliação, existe a avaliação formal e informal. No plano da avaliação formal, estão as técnicas e os procedimentos palpáveis de avaliação, como provas e trabalhos que conduzem a uma “nota”; no plano da avaliação informal, estão os “juízos de valor”, invisíveis e

que acabam por influenciar os resultados das avaliações finais, tendo sido construídos pelos professores e alunos nas interações diárias.

Quando a avaliação formal entra em cena, a avaliação informal já atuou no plano da aprendizagem, de maneira que aquela tende apenas a confirmar os resultados desta. (FREITAS, 2002).

A avaliação, considerada de modo geral, tem uma dimensão formadora: ela tem como uma de suas funções, em qualquer esfera da vida cotidiana, promover o desenvolvimento das pessoas nas mais variadas situações. Na escola, a avaliação tem a função de revelar o desempenho presente, as possibilidades de desempenho futuro e os encaminhamentos necessários para as práticas que precisam ser modificadas, apontando novos caminhos e possibilitando a superação dos problemas atuais, abrindo as possibilidades educativas do futuro (LIMA, 2003).

Na escola moderna, tal como a conhecemos neste século, o objetivo da avaliação tem sido, principalmente, o da quantificação da aprendizagem com grande ênfase no erro. Como a escola pública se expandiu, recebendo um número cada vez maior de estudantes de várias camadas sociais, os instrumentos de avaliação foram sofrendo um processo de quantificação crescente, de forma a criar mecanismos de gerência (e de controle) do grande contingente de alunos que passou a freqüentar a escola, que se viu obrigada a abrir mão dos “motivadores naturais” para a aprendizagem remetendo-se a “motivadores artificiais”, entre eles o sistema de avaliação com notas que pressiona os alunos a aprenderem, ao mesmo tempo que controla seu comportamento.

Então, os processos de avaliação tomam o lugar desses motivadores naturais e passam a ser a principal ancoragem para produzir a motivação para o estudo - além da pressão familiar. Como na escola se aprendem / se ensinam relações, a avaliação assume a forma de uma mercadoria com as características de dualidade existentes nesta, dentro de uma sociedade capitalista: valor de uso e valor de troca, com predomínio do último sobre o primeiro (FREITAS,2002) .

A lógica da avaliação é produto de uma escola que, entre outras coisas, separou-se da vida, da prática social. Diante de tal separação, motivada por necessidades sociais de enquadramento da força de trabalho, puxada pelas necessidades vertiginosas da acumulação do capital, a escola foi obrigada a formalizar-se, separando-se da vida e subordinando tanto alunos como professores à "regras externas" a estes atores (Vincent, Lahire e Thin, 2001, p. 15). Isso colocou como centro da aprendizagem a aprovação do professor, e não a capacidade de intervir na prática social. Aprender para "mostrar conhecimento ao professor" tomou o lugar do "aprender para intervir na realidade". Essa é a raiz do processo avaliativo artificializado da escola.

Os procedimentos de avaliação responsáveis pela exclusão do aluno no interior da escola são modulados pela função social que esta assume no âmbito da sociedade. Em nossa sociedade a escola atua, entre outros aspectos, como mediadora entre hierarquias econômicas e hierarquias escolares e vice-versa (Bourdieu e Passeron, 1975; Bourdieu, 2001). A partir desta grande determinação, as demais ações internas configuram-se, cruzando-se com as correlações de força

locais que definem sua intensidade e, se necessário, obrigam ações de controle mais eficazes por parte do Estado (outra não é a finalidade de avaliação externa).

Ainda de acordo com Freitas (2003), o fenômeno da avaliação em sala de aula tem pelo menos três componentes.

O primeiro deles é o aspecto instrucional pelo qual se avalia o domínio de habilidades e conteúdos em provas, chamadas, trabalhos, etc.

O segundo componente, constituído pela avaliação do “comportamento” do aluno em sala, é um poderoso instrumento de controle em ambiente escolar, já que permite ao professor exigir do aluno obediência às regras. O poder dessa exigência está ligado ao fato de o professor ter a possibilidade de aprovar ou reprovar a partir do elemento anterior, ou seja, a partir da avaliação da instrução. O controle que o professor adquire sobre a sala de aula advém do seu poder de reprovar; portanto a avaliação faz mais que avaliar as habilidades e o conhecimento – ela cria uma estrutura de poder na sala de aula, na qual se apóia o controle do professor sobre o aluno. A retirada dos motivadores artificiais (nota, reprovação, etc.) desestabiliza as relações de poder existentes, obrigando o professor a lançar mão de outras formas de controle, nem sempre mais adequadas.

Finalmente, existe o terceiro aspecto: a avaliação de “valores e atitudes”, que ocorre cotidianamente em sala de aula e que consiste em expor o aluno a reprimendas verbais e físicas, comentários críticos e até humilhação perante a classe, criticando seus valores e atitudes.

Como estamos falando em avaliação é necessário levarmos em consideração o tempo, já que ele é uma categoria fundamental para entendermos a avaliação informal dentro de uma estrutura escolar, exercendo também influência na maneira como o professor organiza a produção de conhecimento em sala de aula.

O tempo onde de fato ocorre o ensino-aprendizado é muito pequeno, pois o professor utiliza muito tempo com rotinas (por exemplo, entrada e saída de alunos). Muito tempo é gasto na organização das crianças em fila e organização da sala, passando exercícios na lousa, chamando a atenção dos alunos (ver Miranda, 2005).

Esse tempo de ensino e aprendizagem (que acaba sendo menor do que o previsto) influencia na relação do professor com os alunos, na avaliação, na produtividade dos alunos. O professor precisa planejar o tempo para a realização de uma atividade e para isso é necessário que ele pense no ritmo dos alunos. Deve também prever as interrupções e também o tempo de transição de uma atividade à outra.

De acordo com MIRANDA (2005) cada pessoa tem um tempo de aprendizagem diferente: uns demoram mais que outros para aprender; mas muitas vezes os professores acabam julgando e rotulando os alunos que demoram mais, e não acreditando nesses alunos (frequentemente a partir da avaliação informal).

Ainda segundo MIRANDA (2005) o professor tem que dar, dentro dos limites da carga horária e do tempo que lhe é destinado com os alunos, “oportunidade temporal” para que o aluno que leva mais tempo possa realizar as atividades e

também deve planejar outras atividades relevantes para os alunos que terminam primeiro, evitando assim a “perda de tempo”.

Saber quanto tempo é necessário, para Richardson, (1997), é um dos problemas mais difíceis encarados pelos professores.

A questão do tempo levou os sistemas escolares a alterarem sua forma de organização escola de seriada para ciclos em muitos lugares. Teoricamente, esta seria uma solução para o problema, pois os alunos teriam mais tempo e não seriam reprovados ano a ano.

Entretanto, é importante entendermos um pouco melhor a lógica da organização escolar por ciclos para pensarmos no sistema de avaliação informal. Segundo FREITAS (2002), os ciclos procuram contrariar a lógica da avaliação formal. Os ciclos, porém, não eliminam a avaliação (nem formal e muito menos a informal), mas redefinem seu papel e sua autoria e associam-na com ações complementares (por exemplo, recuperação paralela). As possibilidades efetivas de seu sucesso dependem, porém, das políticas públicas e das concepções de educação que estão na base dos ciclos e da progressão continuada.

Foram estas formulações que nos orientaram, do ponto de vista teórico, no estudo da questão da avaliação informal, objetivo desta pesquisa.

2 - Metodologia

A observação da realidade escolar e da sala em que foi realizada a pesquisa partiu do seguinte problema de pesquisa: **como acontece o processo de avaliação informal na sala de aula e qual a relação que ela pode ter com a avaliação final do processo de ensino-aprendizagem?**

Refletindo sobre o problema formulado pode se questionar ainda: De que maneira o professor organiza a produção de conhecimento levando-se em conta a heterogeneidade dos alunos em relação ao seu tempo de aprendizagem e nível em que cada um se encontra? Quais os elementos mais significativos na avaliação informal do professor sobre o aluno? O nível sócio-econômico é um fator determinante?

A metodologia é uma parte muito importante na pesquisa, pois se a pesquisa tem o propósito de resolver um problema específico, deve fazê-lo dentro de um ambiente particular, recorrendo a técnicas também apropriadas àquele problema. A definição da metodologia a ser usada, portanto, depende do problema, pois determinados métodos não servem para determinados problemas.

Este estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa de natureza observacional, tendo por objeto de estudo o processo de ensino aprendizagem dentro da sala de aula, mais especificamente o processo de avaliação formal e informal e a influência desta sobre a avaliação final do aluno.

O que particulariza os estudos qualitativos é que eles possibilitam descrever as qualidades de determinados fenômenos ou objetos de estudo. As fontes mais utilizadas para este tipo de estudo são observações intensas, documentos, e resultados de entrevistas. Nas pesquisas qualitativas a preocupação maior é com o processo e não apenas com os resultados e o produto.

Segundo Lüdke e André (1986), a observação possibilita um contato estreito com o fenômeno pesquisado permitindo ao observador compreender melhor o campo de estudo, que neste caso refere-se à relação professor e alunos, e o tipo de interação existente entre eles, interação esta construída no cotidiano da sala de aula e que envolve “juízos de valor” por parte do professor em relação ao aluno.

Para a sistematização desse estudo optou-se pelo uso de uma pauta de observação elaborada por Stuardo (2004), (ver anexo 1 deste trabalho), contendo as categorias necessárias à análise da situação pesquisada.

Esse tipo de instrumento proporciona maior objetividade e rapidez no registro e verificação dos dados, por ser uma técnica sistemática de observação e registro de práticas particulares de modo a determinar quais são freqüentes e quais as que são incomuns. Tal instrumento evita que o pesquisador desvie o seu olhar para outros aspectos que não os contemplados pela pauta; desse modo, o pesquisador sabe o que procura. Mesmo assim, é preciso reconhecer possíveis erros e a influência do olhar do pesquisador sobre os dados coletados.

Também foi feita a opção pela observação não participante pelo fato de que nesse tipo de pesquisa o pesquisador tem o papel de mero espectador, não devendo se deixar influenciar pelas situações. A observação e o preenchimento das pautas foram realizados de forma discreta, sempre procurando evitar constrangimentos por parte dos observados.

Neste estudo foi observada uma sala de aula de 2ª série do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Campinas situada em uma área de ocupação de terra, de nível sócio-econômico bastante baixo.

A professora concordou com a observação em sua sala de aula, porém nem ela nem os alunos foram informados sobre a natureza dos dados desse estudo, pois ao serem informados poderiam mudar suas atitudes perante a pesquisadora.

As observações foram realizadas em aulas inteiras (do início ao fim) num total de 8 dias alternados o que permitiu verificar variadas situações de avaliação informal e a maneira positiva ou negativa de como o professor se utiliza dessas no encaminhamento do seu trabalho pedagógico diário.

2.1 - O instrumento de coleta de dados: pauta de observação de sala de aula

Este instrumento de coleta de dados permitiu a análise qualitativa, uma vez que considera as várias facetas do objeto de estudo, neste caso a prática pedagógica do professor em sala de aula.

A “pauta de observação de sala de aula”, especificamente a utilizada neste trabalho, permitiu observar a presença de práticas docentes que evidenciam a avaliação informal tanto positiva quanto negativa.

A pauta propõe o levantamento de dados nas seguintes áreas:

- **tempo real de ensino-aprendizagem:** possibilita observar os horários de entrada e saída efetivamente praticados; o número de interrupções e sua natureza; o tempo real total (TRT), que é a soma do tempo dedicado as atividades, sem descontar o tempo gasto com interrupções, organização da sala e das atividades e disciplinamento.
- **apresentação da aula:** como o professor introduz as aulas, se expõe os objetivos da aprendizagem, se faz perguntas, etc.
- **desenvolvimento das atividades:** PROFESSOR: quais os conteúdos são trabalhados, qual a forma de aula predominante, quais as estratégias mais utilizadas, permite verificar as ênfases (ou não) dadas a cada disciplina ou atividade; a conduta do professor, se faz perguntas, se esclarece dúvidas, se os alunos podem realizar atividades livres. ALUNOS: como o tempo é utilizado pelos alunos? Que tipo de atividade realizam? Propõem temas, discussões, atividades? Realizam atividades livres? Qual a forma de trabalho predominante (individual/grupo)?; MATERIAIS: Quais materiais são utilizados? O professor ajuda na utilização? Qual a disponibilidade dos recursos? Tem materiais?

- **encerramento:** como é o encerramento? O professor recupera o sentido do que foi trabalhado? Avalia os produtos ou apenas pede para guardar os materiais e organizar a sala?
- **o espaço:** essa categoria permite observar o modo de instrução dominante (posição do professor, disposição da sala), a relação da decoração da sala com a disciplina e as condições físicas disponíveis (espaço suficiente, iluminação e móveis adequados, presença de ruídos, limpeza).
- **as práticas do professor :** quanto ao *ambiente didático e manejo grupal*, que tem por objetivo saber se o professor é capaz de manter os alunos envolvidos nas tarefas, se está atento às necessidades de ajuda dos alunos, se impõe disciplina de forma positiva; quanto ao *desenvolvimento afetivo-social*: se a tonalidade afetiva do professor geralmente é positiva, se suas práticas favorecem o respeito mútuo, se chama os alunos pelo nome ou dá apelidos; e quanto ao *desenvolvimento cognitivo-verbal*: o professor responde as perguntas ou solicitações dos alunos, usa os erros como oportunidade de aprendizagem, permite que os alunos decrivam, comparem tirem suas conclusões.
- **e a conduta dos alunos:** como os alunos reagem em relação à apresentação dos temas, atividades e instruções do professor.

3 - Apresentação e interpretação dos dados

Como já foi mencionado, foram observadas 8 aulas com duração de 4 horas; tais observações ocorreram em dias alternados ao longo dos meses de abril e maio de 2006. No total foram 32 horas de observação. As observações foram realizadas mediante uma pauta que obedecia a seguinte estrutura: início, desenvolvimento e encerramento das atividades. Também foram observados o uso de materiais, a conduta do professor e a disposição do espaço, mas principalmente situações referentes à relação professor-aluno que demonstravam estar relacionadas a um pré-julgamento (avaliação informal).

Durante as idas à escola foi possível observar a rotina geral da escola e não só da classe em questão, bem como participar de conversas na sala de professores com outros profissionais. Isso foi possível porque existe um período de lanche e recreação onde várias turmas se reúnem. Esse contato com outros professores permitiu a observância do quanto a avaliação informal permeia o trabalho pedagógico da escola como um todo. O nível sócio-econômico apareceu como um fator que altera a crença do professor na capacidade de aprender dos alunos, embora esse dado não tenha se mostrado relevante na classe em estudo. Outro fator que faz com que o professor verbalize não querer trabalhar com determinados alunos ou que tais alunos “não têm jeito” refere-se à disciplina.

Neste estudo observacional foi possível tomar conhecimento do Projeto Político Pedagógico da escola que tem entre um dos seus componentes a proposta

de avaliação formal (final) em relação ao aproveitamento do aluno dentro do processo de ensino-aprendizagem (ver anexo 2).

Outro componente do Projeto Político Pedagógico é o Regimento Comum das Escolas Municipais do Ensino Fundamental, que contém várias regulamentações, inclusive a que trata da avaliação final do aluno e as menções que devem ser atribuídas bimestralmente, conforme seu rendimento escolar que por sua vez está relacionado aos objetivos propostos. Tais menções são: O – ótimo; B – bom; S – satisfatório; I – insatisfatório. O aluno que obtiver a menção I na avaliação final fica retido naquela série em que se encontra.

Esses dados mostram que a organização das escolas municipais se dá através da seriação, embora exista no Projeto Político Pedagógico o esclarecimento da implementação da escola de 9 anos para os alunos ingressantes na primeira série em 2006 conforme a Lei Federal de nº 11.274 que determina que os Municípios, os Estados e o Distrito Federal terão prazo até 2010 para implementar a duração de 9 anos para o ensino fundamental. Em função disso, a organização dessa escola passará de seriação para ciclos, porém de forma gradativa, abrangendo num primeiro momento as séries iniciantes, num ciclo de 3 anos com ênfase maior no processo de alfabetização, não havendo retenção durante este período

Na classe em estudo os dados coletados foram os seguintes:

O Professor	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	8º dia
Recorda o objetivo	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Explica o que aprenderão	sim	sim	não	sim	sim	sim	sim	sim
Anuncia as atividades	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não
Faz pergunta para introduzir	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	sim
Recolhe saberes dos alunos	sim	sim	não	sim	sim	não	sim	sim
Relaciona o tema com a vida cotidiana	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Relaciona o tema com atividades prévias	não	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim

Podemos observar que a professora contempla todos os itens apontados nesta tabela, porém nos momentos de explanação sobre os conteúdos já trabalhados e os que serão abordados e também nos momentos de questionamentos aos alunos sobre seus saberes e suas vivências, não consegue obter a participação de todos, ficando uma parte da classe alheia ao que está acontecendo e muitas vezes prejudicando a atividade em questão.

Tendo essa situação se repetido ao longo dos dias observados e sempre com a participação ou a não participação dos mesmos alunos, com raras exceções, e sem que a continuidade da aula pela professora seja afetada. Embora chamasse a atenção dos alunos não participantes, estes não obedecem. Isso sugere que ela já aceitou a não participação destes alunos e revela a existência de uma avaliação informal destes alunos, pois a professora age como se esse comportamento já fosse esperado, havendo uma descrença na possibilidade de mudança, ou seja, um pré julgamento em relação a estes alunos que orienta o seu investimento – ou melhor dizer: o seu não investimento – nestes crianças.

O Professor	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	8º dia
Revisa tarefas	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não	sim
Faz perguntas	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Responde as perguntas	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Esclarece termos	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Lê texto	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Expõe oralmente os exemplos do livro	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Anota na lousa	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não	sim
Passa exercícios na lousa	sim	não	sim	sim	não	sim	sim	sim
Distribui roteiros com tarefas	não	sim	não	não	não	sim	não	não
Interroga alunos sobre a matéria	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Faz prova escrita	não	não	não	não	não	não	não	não
Expõe os conteúdos	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Passa conteúdos mediante exemplos	não	sim	sim	sim	sim	sim	não	sim
Dita conteúdos	não	não	não	sim	não	não	não	não
Copia os conteúdos no quadro	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não	não
Propõe uso de biblioteca	não	não	não	sim	sim	não	não	não
Utiliza programas de computação	não	não	não	não	não	não	sim	não
Instrui para trabalhos em grupo	não	sim	não	não	não	não	não	não

Em relação a esta tabela nota-se que algumas atividades são realizadas com frequência tais como: revisão de tarefas, realização de perguntas, respostas às perguntas, esclarecimento de termos, leitura de textos, exposições orais de conteúdos ou de exemplos do livro, anotações e propostas de atividades na lousa, exemplificação dos conteúdos. Entretanto, outras atividades praticamente não são realizadas tais como: distribuição de roteiros com tarefas, prova escrita, ditado de conteúdos, uso de biblioteca, utilização de programas de computação e trabalhos em grupo.

As atividades acima elencadas como sendo atividades realizadas com frequência, de certa forma têm a participação maior do professor do que dos alunos e permitem que alguns alunos fiquem alheios ao que está acontecendo na classe, sem que isso atrapalhe os demais alunos ou faça com que a professora modifique sua proposta de trabalho naquele momento. Porém, isso contribui para que esses

alunos fiquem prejudicados no seu processo de aprendizagem, passando muitas vezes a desacreditar neles próprios, uma vez que distanciam-se cada vez mais dos conteúdos abordados o que gera dificuldades cumulativas, além da sensação de indiferença por parte da professora e dos próprios colegas. Se o professor não levar em conta que cada aluno tem um tempo de aprendizagem diferente, repertórios diferentes, nível de atenção diferente e comportamentos diferentes acabará deixando de lado alguns alunos que muito rapidamente serão desacreditados e conseqüentemente não terão êxito em seu processo de aprendizagem. É o que sugerem as observações.

As atividades que foram citadas como não sendo freqüentemente realizadas são atividades que exigem uma maior participação dos alunos, com exceção do ditado de conteúdos, além de exigirem uma capacidade maior de organização. O fato de ocorrerem com menor freqüência pode demonstrar certa dúvida ou descrença da professora em relação a se a classe está apta para a realização dessas atividades, que apresentam um desafio maior ao trabalho tanto dos alunos quanto do professor.

	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	8º dia
As crianças têm a possibilidade de aprender durante a maior parte do período observado. Não há grandes períodos em que mais de 50% das crianças estejam sem fazer nada.	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Existe preocupação do professor para que todas as crianças acessem em igualdade de condições aos conteúdos ministrados	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Permite murmúrio	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Adapta a disposição da sala para as atividades	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Mantém as crianças envolvidas nas tarefas	não	não	sim	não	sim	não	sim	não
Supervisiona atentamente as necessidades de ajuda às crianças	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Reforça habitualmente condutas positivas	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Impõe disciplina mediante o uso de reforço positivo	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Ausência de ameaças sistemáticas como método para disciplinar	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Ausência de castigos descabidos ou imerecidos	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Ausência de reforço habitual às crianças com comportamento negativo	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Intervem adequadamente frente aos conflitos entre as crianças	sim	não	sim	não	não	sim	não	sim

Os dados levantados a partir da tabela acima nos mostram que a professora atende de forma positiva quase que todos os itens com exceção daquele que se refere a manter as crianças envolvidas nas tarefas, visto que muitas delas não têm uma participação apropriada e interessada conforme já constatado nos dados das tabelas anteriores, apresentando inclusive comportamentos inadequados que chegam a atrapalhar o trabalho da classe como um todo. Essa situação se refere a uma parcela relativamente pequena, porém significativa dos alunos, mas que não chega a 50% da classe, sendo por esta razão que o primeiro item desta tabela, que se refere à essa porcentagem, foi considerado satisfatório, o que não significa que o que vem ocorrendo na sala de aula em relação à dispersão dos alunos e “aceitação” por parte da professora não seja preocupante e passível de alguma mudança, uma vez que nenhuma atitude mais eficaz está sendo tomada. A aceitação de determinadas situações tem por trás uma avaliação informal da capacidade destes alunos.

O item da tabela que diz respeito à intervenção do professor frente aos conflitos entre as crianças mostrou que em 50% das situações houve a intervenção de forma adequada e em 50% das situações não houve essa intervenção ou a mesma não foi de forma eficaz. Isso se deve ao fato da professora muitas vezes dar continuidade às atividades da classe sem se incomodar com uma parcela dos alunos que possam não estar participando da aula, estando muitas vezes em situações de conflitos ou “brigas” entre eles; esse “não se incomodar” não significa que a professora não faça tentativas de integrar esses alunos à atividade que se está realizando, porém não o faz de forma eficiente, principalmente quando isso exige que tenha atitudes mais enérgicas, conforme já descrevemos anteriormente.

A professora tem um relacionamento amigável com os alunos dentro ou fora da classe, conversa muito com eles coletiva ou individualmente, procura atender às suas necessidades e não se utiliza de forma alguma de ameaças ou castigos para obter disciplina ou rendimento nos trabalhos propostos. Mostra-se sempre muito bem disposta, bem humorada e receptiva em relação a todos os alunos.

	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	8º dia
A tonalidade afetiva do professor é geralmente positiva	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Demonstra afeto pelas crianças	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Reconhece e acolhe sentimentos das crianças	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Fomenta explicitamente a cooperação e generosidade entre as crianças	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Favorece o respeito mútuo	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Recebe com agrado manifestações de afeto das crianças	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Estimula que as crianças se ensinem mutuamente	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Chama os alunos por seu nome	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Estimula e reforça as destrezas ou qualidades próprias de cada criança	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim

Esta tabela é composta de itens referentes principalmente à afetividade, respeito mútuo, cooperação, generosidade, ou seja, aspectos que fazem parte das relações interpessoais e/ou grupais. O favorecimento a tudo isso constitui uma das características mais fortes do trabalho desta professora. A valorização das relações afetivas parece fazer parte do modo de ser da professora, porém pode-se notar ainda que existe uma vontade de “compensar” as crianças, deixando implícito que elas têm muito pouco em casa e por isso necessitam de bastante atenção e um grau muito alto de afetividade.

A partir de estudos observacionais em uma instituição escolar de Ensino Fundamental, mais especificamente em uma sala de 2ª série de uma escola municipal de Campinas foi possível conhecer e compreender os mecanismos de avaliação que ocorrem em uma sala de aula, relacionado ao processo de ensino-aprendizagem.

Conforme já adiantamos, existem dois tipos de avaliação: a avaliação formal (notas ou conceitos) e avaliação informal (juízos de valor). Neste estudo o conhecimento dos aspectos da avaliação formal se deu através da leitura do Projeto Político Pedagógico da escola e do Regimento Comum das Escolas Municipais do Ensino Fundamental que regulamentam inclusive a atribuição de conceitos ou menções relacionados ao aproveitamento escolar do aluno ao final de cada bimestre.

Entretanto, na sala onde foi realizado este estudo ficaram mais evidenciadas as situações de avaliação informal, uma vez que **não houve nenhuma situação de**

prova ou qualquer atividade que fosse caracterizada como sendo para a atribuição de uma “nota”, apesar da obrigatoriedade do conceito no final do bimestre.

Visando conhecer melhor esse processo de avaliação formal, foi solicitado ao professor que fornecesse informações se havia situações específicas para essa avaliação e o que ficou esclarecido é que **não há**, sendo que a atribuição dos conceitos se dá através da **análise da participação e produção do aluno ao longo do bimestre**. Sendo assim, os dados sugerem que a avaliação informal conduz a avaliação final (formal) do aluno, pois, os conceitos são atribuídos sem processos formais de avaliação que quantifiquem o que o aluno de fato sabe.

Na avaliação formal desta classe em questão, a avaliação informal contribui para que os alunos obtenham resultados positivos (nenhum aluno teve conceito insatisfatório no primeiro bimestre), apesar de alguns deles não terem uma boa participação nas aulas nem cumprirem com todas as tarefas propostas, conforme já foi mostrado nas tabelas de observação acima. As características pessoais da professora que mostra-se bastante tolerante em relação ao comportamento dos alunos podem ter contribuído para essa avaliação favorável.

Diante dos dados coletados e comentados das tabelas acima é possível entender a dinâmica da sala e sua interferência nos mecanismos de avaliação numa ótica que contempla aspectos positivos e negativos, uma vez que as relações interpessoais se dão de forma positiva, os alunos têm oportunidade de falar e principalmente ser ouvidos, existe um clima de receptividade e respeito por parte da

professora, e tudo isso se constitui em aspectos relevantes que ajudam o aluno na construção da sua auto-estima, fazendo com que freqüentem a escola com prazer e sintam-se valorizados em suas realizações. No entanto, por existir uma grande condescendência em relação a determinadas atitudes inadequadas de alguns alunos, o processo de aprendizagem desses alunos, e de certa maneira dos demais, fica comprometido, ou seja, poderia haver um ensino de maior qualidade, contemplando uma quantidade maior de conteúdos e informações.

Em função do nível sócio-econômico dos alunos, a avaliação informal da professora é marcada por uma tentativa de compensar esta realidade econômica das crianças, fazendo com que a professora tenha um grau de tolerância bastante alto, compreendendo e aceitando certas atitudes dos alunos que poderiam ser tratadas ou trabalhadas de forma mais rigorosa. Note-se, entretanto, que ao proceder desta forma, a professora legitima uma trilha de exclusão pelo interior da própria escola, mantendo estes alunos dentro dela, porém, sem aprendizagem.

4 - Considerações finais

Nesse estudo observacional que teve como objeto a sala de aula constatamos a existência da avaliação formal e da avaliação informal e a grande influência da segunda sobre a primeira. Esta afirmação parte do fato de que a própria professora declara não realizar avaliações formais e usar seus juízos sobre o desempenho do aluno para chegar a uma conclusão final. Tal procedimento deixa um grande campo aberto para a atuação dos juízos de valor da professora, os quais no caso, estão aparentemente mais marcados pela compaixão com as crianças pobres do que com suas reais aprendizagens. Por este caminho, as crianças ficam guardadas na escola, porém não aprendem.

Note-se, ainda, que a avaliação informal é sempre usada pela professora de forma positiva ou neutra. Não se evidencia o uso da avaliação informal negativa de forma significativa. Isso chama a atenção para o fato de que a avaliação informal não necessita ser negativa para atuar na exclusão do aluno, já que mesmo avaliações informais positivas – mas que não promovem aprendizagem de fato – podem levar à exclusão do aluno por dentro do sistema, mantendo-os na escola sem aprendizagem.

Constatamos também que a avaliação informal pode atuar de forma negativa ou positiva, dependendo muito das relações existentes entre professor e alunos, a maneira como o professor “enxerga” seus alunos dentro da complexidade da instituição escolar e familiar, a maneira como o aluno “enxerga” o professor e a

maneira como cada um se “enxerga”, sendo que todas essas maneiras de “enxergar” também fazem parte de uma avaliação informal.

De forma positiva ou negativa, é certo que a avaliação informal influi no resultado final do processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, na medida em que as diferentes situações de avaliação informal que permeiam o cotidiano escolar forem explicitadas e socializadas entre os profissionais da escola, aumentará a possibilidade de organização de um trabalho pedagógico de maior qualidade.

5 - Referências Bibliográficas:

- BORDIEU, P.; PASSERON, J.C. *A reprodução: elementos para uma teoria de ensino*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *A Internalização da Exclusão*. *Educ. Soc.*, Set. 2002, vol.23, no.80, p.299-325. ISSN 0101-7330.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática*. – Campinas, SP: Papyrus, 1995. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- LIMA, Elvira Souza. *Avaliação na escola*. São Paulo: Ed. Sobradinho, 2003.
- LÜDKE, M. ANDRE, M. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 1986.
- MIRANDA, Adriana Vieira. *O Tempo Real de Ensino-aprendizagem*. Trabalho de Conclusão de Curso. UNICAMP – São Paulo, 2005.

- PINTO, A.L.G. *A avaliação da aprendizagem: o formal e o informal*. 1994. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas
- RICHARDSON, Virginia. *Espaço e tempo*. In ARENDS, Richard I. *Aprender a ensinar*. Portugal: McGraw-Hill, 1997. Capítulo 3, disponível on-line: http://www.des.min-edu.pt/revista/revista8/pdf/tempo_espaco.doc.
- VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. *Sobre a história e a teoria da forma escolar*. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, 2001.

6 – Anexos:

6. 1: Pauta de Observação de sala de aula:

Anexo 1

A. PAUTA DE OBSERVAÇÃO DE SALA DE AULA

Nome da Escola: _____

Observador: _____

Série	Matemática	Alfabetização	Data: dia/mês/ano	Hora início	Hora término

Alunos

Nº de alunos matriculados	Nº de alunos presentes na sala	
	Homens	Mulheres

Características dos alunos

Presença de crianças com necessidades especiais, uso de uniforme, outros aspectos relevantes na apresentação/aparência das crianças

Características do professor

Sexo:
Idade aproximada:
Aspectos, gestos, tom de voz, ânimo, etc.

ESTRUTURA DA AULA: INÍCIO, ATIVIDADES, ENCERRAMENTO

A. Tempo real de ensino-aprendizagem

Hora início:	Hora término:	Número de interrupções:	Tempo real total:

B. Apresentação da sessão

Com relação à forma como o professor introduz os temas ou as atividades da aula:

1. O que faz o professor(a) para introduzir o tema que vai ensinar na aula? Descrever o que faz ou apresenta para motivar e desenvolver o tema.

2. Registrar se ocorrem as seguintes situações (marque todas as que correspondem).

O professor...	SIM	NÃO
a) Apresenta ou recorda objetivos de aprendizagem		
b) Explica o que deverão aprender nesta aula		
c) Anuncia as atividades que serão realizadas na aula		
d) Faz uma pergunta para introduzir os conteúdos		
e) Recolhe experiências ou saberes dos alunos a respeito do tema e das atividades		
f) Relaciona o tema com a vida cotidiana dos alunos		
g) Relaciona o tema ou atividade com atividades prévias		

C. Desenvolvimento da Sessão

1. Qual é ou quais são os temas da sessão?

2. Lista de atividades gerais realizadas, em sequência desde o início até o final e o tempo aproximado para as mesmas.

Actividades realizadas	Tempo gasto aprox. minutos
a)	
b)	
c)	
d)	
e)	
f)	
g)	
h)	
i)	
j)	
k)	
l)	

3. Atividades ao longo da sessão: marcar todas as que se dão, primeiro as atividades que realiza o professor e depois as que desenvolvem os alunos. Além disso, destaque as atividades que “marcaram” o desenvolvimento desta aula (indique até seis com um *)

1.Professor		Ocorre		Destaque*
		Sí m	Não	
	Revisa as tarefas			
	Faz perguntas aos alunos			
	Responde as perguntas dos alunos			
	Esclarece termos / conceitos			
	Lê um texto			
	Trabalha em forma oral exemplos que estão no livro			
	Realiza anotações no quadro-negro (significados, resoluções de exemplos, instruções para trabalhar exercícios)			
	Escreve exercícios para resolver no quadro			
	Distribui roteiros com tarefas ou exercícios			
	Interroga alunos sobre alguma matéria			
	Faz uma prova escrita			
	Expõe os conteúdos de uma matéria			
	Passa os conteúdos mediante exemplos			
	Dita os conteúdos aos alunos			
	Copia os conteúdos no quadro			
	Propõe uso de biblioteca e distribui os livros			
	Utiliza programas e exercícios de computação			
	Instrui para o trabalho em grupo dos alunos			
2. Alunos	Fazem leitura silenciosa			
	Lêem em voz alta individual			
	Lêem em voz alta em grupo (todos juntos)			
	Escutam leitura-texto do professor/a			
	Realizam tarefas e exercícios individuais (roteiros, textos, etc.)			
	Realizam tarefas e exercícios em grupo ou em pares (roteiros, textos, etc.)			
	Vão ao quadro-negro para anotar soluções, idéias, desenhos, perguntas			
	Copiam do quadro-negro			
	Copiam de um texto ou roteiro			
	Trabalham exercícios no computador			
Alunos	Buscam livros			
	Tomam notas à sua maneira			
	Redigem um texto, composição, rima ou poesia			
	Realizam exercícios de matemática			

Alguns alunos podem realizar atividades livres			
Todos os alunos realizam atividades livres			
Conversam sobre um tema proposto pelo professor			
Conversam sobre um tema proposto por algum aluno			
Cantam, recitam, representam, jogam			
Escutam música, cassetes, rádio, vêem televisão ou fotos vinculadas ao tema da aula			
Escutam música, cassetes, rádio, vêem televisão ou fotos que não estejam vinculadas ao tema da aula			

4. No caso de que se estejam desenvolvendo atividades no pátio ou fora da sala de aula, descrever estas atividades: onde se produzem, de que se tratam e quem delas participa.

1. Uso de materiais durante a aula: marcar todos os que se usam e depois marcar se o professor acompanha os alunos no seu uso ou se os alunos trabalham sozinhos com o material (registrar se o professor ajuda os alunos na utilização do material ou se dedica a fazer outra atividade, como corrigir provas ou se ocupar do livro de aula).

Material	SIM	NÃO
Livro de texto		
Biblioteca da sala		
Outro material escrito publicado (livros, diário, revistas, dicionários, enciclopédia)		
Roteiros de aprendizagem		
Material que trazem os alunos (recortes, folhas naturais, pedras, garrafas, madeira, vasilhas, plantas, etc.)		
Lápis, jogos, figuras, papel de cor e outro material didático que não seja de uso pessoal do aluno		
Trabalhos elaborados pelos alunos		
Calculadoras		
Computador		
Internet		
Material audiovisual		
Instrumentos musicais		
Mapas, globos, atlas		
Material de geometria		

Disfarces, instrumentos musicals, ferramentes		
Outros. Quais?		

D. Encerramento da sessão

1. Descrição do encerramento ou o término da aula

2. Aspectos do fim da aula: marque todos os que correspondam

O professor:	SIM	NÃO
1. Recupera o sentido do que foi realizado em aula		
2. Avalia os produtos (atividades realizadas, resultados obtidos)		
3. Relaciona estas aprendizagens com os objetivos da aula		
4. Indica temas que ficaram pendentes		
5. Dá tarefas para a casa		
6. Relaciona a aula com as matérias e atividades das aulas seguintes		
7. Pede para ordenar a sala e guardar os materiais utilizados		
8. O encerramento não guarda relação com as atividades realizadas		
9. Não se evidencia um encerramento		
10. Outra. Qual?		

AREA 1: AMBIENTE DIDATICO E MANEJO GRUPAL ²			Pt.
	1	0	
1. As crianças têm a possibilidade de aprender durante a maior parte do período observado. Não há grandes períodos em que mais de 50% das crianças estejam sem fazer nada.	Sim	Não	
2. Existe preocupação do professor para que todas as crianças acessem em igualdade de condições aos conteúdos ministrados	Sim	Não	
3. Permite o murmúrio.	Sim	Não	
4. Adapta a disposição da sala às atividades (se necessário).	Sim	Não	
5. Mantém as crianças envolvidas nas tarefas.	Sim	Não	
6. Supervisiona atentamente as necessidades de ajuda às crianças	Sim	Não	
7. Reforça habitualmente condutas positivas.	Sim	Não	
8. Impõe disciplina mediante o uso do reforço positivo.	Sim	Não	
9. Ausência de ameaças sistemáticas como método para disciplinar.	Sim	Não	
10. Ausência de castigos descabidos ou imerecidos.	Sim	Não	
11. Ausência de reforço habitual às crianças com comportamento negativo.	Sim	Não	
12. Intervem adequadamente frente aos conflitos entre as crianças.	Sim	Não	

AREA 2: APOIO AO DESENVOLVIMENTO AFETIVO-SOCIAL			Pt.
	1	0	
13. A tonalidade afetiva do professor é geralmente positiva.	Sim	Não	
14. Demonstra afeto pelas crianças.	Sim	Não	

² A partir daqui, pauta elaborada por CEDEP - XIMENA SEQUEL ET AL.

15. Reconhece e acolhe sentimentos das crianças (ou fomenta que os tenham).	Sim	Não	
16. Fomenta explicitamente a cooperação e generosidade entre as crianças.	Sim	Não	
17. Favorece o respeito mútuo (ausência de burlas, não rotula as crianças, não sanciona publicamente suas manifestações pessoais).	Sim	Não	
18. Recebe com agrado manifestações de afeto das crianças.	Sim	Não	
19. Estimula que as crianças se ensinem mutuamente*	Sim	Não	
20. Chama os alunos por seu nome	Sim	Não	
21. Estimula e reforça as destrezas ou qualidades próprias de cada criança	Sim	Não	

AREA 3: APOIO AO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E VERBAL			Pt.
	1	0	
22. Dá resposta às perguntas ou solicitações das crianças	Sim	Não	
23. Favorece que as crianças descrevam, comparem, associem ou infram, etc.	Sim	Não	
24. Utiliza os erros como oportunidade de aprendizagem.	Sim	Não	
25. Contextualiza a aprendizagem.	Sim	Não	
26. Formula perguntas abertas às crianças .	Sim	Não	
27. Escuta ativamente as crianças.	Sim	Não	
28. Dá às crianças o tempo que requerem para comunicar-se .	Sim	Não	
29. Re-verbaliza as mensagens erradas , confusas ou incompletas *	Sim	Não	
30. Amplia os comentários das crianças *	Sim	Não	
31. O professor faz bom uso da linguagem (fala bem).	Sim	Não	
Pontuação Total			

AREA 4: CONDUTA DOS ALUNOS

Como é a reação da maioria dos alunos frente à apresentação dos temas, atividades, instruções do professor?

(Selecione uma opção para cada item, excetuando o item c, no qual pode marcar 2 – as duas mais frequentes).

a. Frente a propostas e motivações do professor	
1. Respondem ativamente às perguntas e motivações do professor/a, se entusiasma	
2. Propõem direta ou indiretamente outros temas de seu interesse	
3. Aceitam com passividade as propostas do professor/a	
4. Interrompem com comentários e perguntas inapropriadas	
b. Frente a instruções do professor	
1. As ignoram	
2. As seguem submissamente	
3. As seguem com facilidade e desenvoltura	
4. As seguem com dificuldade (consultam reiteradamente)	
c. Interação entre alunos	
1. Se apoiam dando-se instruções e explicações	
2. Fazem piadas e burlas entre si	
3. Brigam e mostram conflitos interpessoais	
4. Se corrigem e disciplinam-se entre si	

5. Competem entre si pelo resultado	
6. Escutam com atenção, se interessam pelo trabalho de seus companheiros	
7. Ignoram o trabalho de seus companheiros	
d. Disciplina	
1. Maioria é de atentos, seguindo a aula, perguntando ou opinando	
2. A maioria está atenta, só alguns perguntam ou opinam	
3. Só um grupo está atento, pergunta ou opina, o resto faz desordem ou se isola do trabalho na aula	

Anote aqui suas impressões gerais sobre a aula observada, as características do processo de ensino-aprendizagem

PAUTA B: ASPECTOS DA SALA

A. Pessoas que participam da sessão de aula

1. Número de alunos que entram na sala uma vez iniciada a aula	
2. Número de alunos que saem da sala uma vez iniciada a aula	
3. Número de pessoas alheias ao curso que interrompem a aula	
4. Número de outros presentes excetuando o professor/a, alunos e o observador/a	
Quem são?	
5. Número de vezes que o professor se ausenta da aula	

B. Disposição da sala

Desenhe a sala indicando a localização das crianças, materiais, biblioteca de aula, livros, outros implementos, existência de mobília, tipo de móveis, localização de portas e janelas, posição do professor/a, o que há nas paredes.

Desenho:

Descrição:

Tipo de móveis. Assinalar se estão em muito mal estado de conservação:

Materiais didáticos visíveis na sala:

Consideramos o conhecimento como processo em superação. O educando aprimora seu modo de pensar o mundo quando se depara com novos desafios, novas situações e formulam e reformulam suas hipóteses. O erro expressa uma hipótese de elaboração do conhecimento, podendo, portanto ser considerado construtivo.

A avaliação será contínua, enfatizando o aluno em relação a seu próprio desenvolvimento. O ser humano é uma totalidade afetiva, social, motora – corporal e cognitiva e todas essas dimensões são igualmente importantes. Consideramos o todo e não apenas o aspecto cognitivo.

Acreditamos que a avaliação precisa ser um instrumento mais amplo, onde uma prova sobre os conteúdos seja apenas um recurso, e o conhecimento, não apenas uma coleção de informações decoradas, mecânicas, sem significado; mas uma estrutura organizada numa totalidade com coerência interna que permita a compreensão das informações.

Em nosso processo de avaliação consideramos:

- Participação;
- Compromisso;
- Disciplina;
- Interesse;
- Organização (no seu espaço e no espaço do outro).

Fazemos uso da avaliação:

- **diagnóstica**, onde fazemos um prognóstico da capacidade do aluno em relação ao conteúdo a ser trabalhado;
- **descritiva**, ou seja, a ficha cumulativa do educando – O registro de seu desenvolvimento, através de atividade semanal o professor poderá detectar as dificuldades do aluno e repensar sobre os objetivos propostos e avaliar sua prática pedagógica.
- **formativa**, onde nos proporciona informações acerca do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem sendo um facilitador para que o professor faça os ajustes necessários de suas estratégias e dispositivos educacionais.
- **sistemática**, onde verificarmos o desenvolvimento dos objetivos propostos e também fazer com que o educando enfrente situações-problema e encontre soluções para suas necessidades.

Ao concluir este projeto só será possível avaliar sua significância se pudermos verificar que o mesmo no final do processo possa provocar em todos os participantes, mudanças significativas no processo pedagógico.